

Corpo escrito:

Memória e voz do feminino

Kamila Costa ¹

¹ Kamila Costa

Kamila Costa é nordestina. Pesquisa e escreve sobre teoria política contemporânea e psicanálise, sobre a memória, a arte e o feminino. Formada em Ciência Política na Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro, é doutoranda em Memória Social, também pela Unirio. Entre suas influências estão Severo Sarduy, Hélène Cixous, Adriana Varejão, Roberto Bolaño, June Jordan, Audre Lorde, Nicole Brossard e Susan Sontag. Contato: kamila.costa90@gmail.com

Eu tenho um texto na mão e sou mulher e isso importa muito. É como desse modo eu escrevesse sempre sobre meu corpo— não há outro lugar. Eu noto que as mulheres fazem isso com frequência. Numa arte transdisciplinar de querer ganhar o mundo. E é assim que a voz se torna também um pedaço de carne, um órgão, um corpo. É sempre sobre a escrita do corpo, não importa como, não importa onde (às vezes onde e como é tudo o que importa).

Assim Adriana Varejão escreve sobre a pele irezumis de paisagem barroca, ou sobre a tela, que é também suporte do corpo, métodos de expurgar o mal— eu tenho sonhos de exorcismo e estou há oito meses a expurgar o mal de mim e dos outros. E Lygia, a cada recorte na obra mole inscreve um gesto que se abre sempre para uma outra vida. Eu estou aqui pronta para falar. Toda fala de mulher é uma evocação. Tornar presente algo que nunca está. Por isso precisamos sempre fazer o mais além. Criar a partir do vazio, como oleiras dum barro cotidiano e infinito. A forma do vaso é dada do buraco. eu me lembro das tecelãs de Rosana Paulino e suas casinhas ocas.

um objeto encarnado
a carne e o verbo
são da mesma substância
quando eu sou mulher
transsubstanciação:
é na verdade a mudança
de letra para músculo;
fibra; ligamento;
tripa, estômago;
baixo ventre;
sacro ilíaca ; vulva;
valvula; úvula;
medula
“as mulheres devem escrever através de seus corpos”
destruir o último dito que diz:
não mais
para criação partir do sangue
que nasce no dente
dentro do osso
do crânio de georgia o’keeffe
a córnea de conceição

multiplicar como a própria medul(s)a
descontrolada
assim como cixous
entrar na última barra de aço frio
e dobrá-la

Escrever o texto é tecer, esse tecido é a pele, um tecido que nunca se esgota, uma fina e densa camada que envolve tudo. Pleura, pericárdio, peritônio, meninges e a membrana da madrugada que também habita em mim— daqui da janela eu olho a cidade, em um enquadramento de guerra, como dizia Susan Sontag(2002), a cidade está completamente desabitada. Todos falam de pós-apocalipse, distopia. Termos para o fim do mundo, nenhuma paisagem de recomeço— eu que desde minha monografia tento escrever heterotopias ou utopias do real, numa arquitetura de esperança. Eu, como mulher lésbica, já vivo a distopia, minhas irmãs de corpo negro já a vivem há séculos nesse país tropical triste.

Atentar para esse novo vocabulário que supre o vírus: pandemia; tempestade de citocinas; inflamassomas; lockdown; curva de contágio; eu te disse que estou com saudades; solidão. Mas a lógica do vírus é também global, replicadora, propagante. Acreditar na linguagem como estrutura em delírio. Então a escrita do corpo vai para além da representação. O corpo do texto é uma expressão— nos meus sonhos de ternura eu falo sobre a democracia expressiva dos corpos, não importa mais se eles não me ouvem.

Eu tenho uma doença mieloproliferativa que, assim como o vírus, tem o código da proliferação. Minha medula cria milhares de plaquetas o tempo todo, muito mais do que meu corpo precisa. Isso me faz uma pessoa do grupo de risco. Está dentro do osso essa mensagem transloucada de hiperprodução. Um corpo hipersensível não é apenas um corpo doente, é um corpo alegórico que pode dizer muito sobre si, sobre uma inscrição do social: está aqui minha carne que se espanta— eu me lembro das histéricas que por quere-rem dizer tanto fundaram um saber.

me dedicar ao poema
como me dedico
às tuas coxas
ao teu centro
me esquecer um
pouco da doença
que é tudo
que se alastra
assim tomar de
sontag
de borges
a letra
que fura
a medula neoplásica
e o sonho

me achar fora
da cidade sitiada
pelo microvirus
(que é a linguagem
excessa do futuro
já perdido)
me encontrar dentro
do meu corpo
para refutar
a fala
do absurdo
presidido

Eu tenho escrito palavras de amor e palavras para cortar:

não vai me matar
é como ter um câncer sem tumor
um corpo cansado diariamente

é como se a modernidade
te invadissem
e de uma vez
você está aqui
quase pronta
para algo que não sabia

pendurada por uma correia
que faça
incansavelmente
as três rodas
majestosas
do ardor, do trabalho e do tempo

eu sempre sou capturada— no fim
pela imagem do sonho
uma alegoria de carnaval
atravessando a esquina da estação de sá
e eu olhando a passante
sozinha, no fim da madrugada

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROSSARD, Nicole. **Nicole Brossard: Selections**. Berkeley: University of California Press, 2010.

SARDUY, Severo. **Escrito sobre um corpo**. Editora Perspectiva, 1979.

SONTAG, Susan. **Looking at war**. *The New Yorker*, v. 9, p. 82-98, 2002.